

A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE NA GESTÃO DA ESCOLA: ESCOLA PÚBLICA E ESCOLA WALDORF

Rosely A. Romanelli¹

<https://orcid.org/0000-0002-1024-9833>

Krys Ellem Honório Cardoso²

<https://orcid.org/0000-0002-7482-9335>

RESUMO: A pesquisa da qual originou este artigo teve como objetivo conhecer como ocorre a participação da comunidade escolar na gestão de duas unidades de ensino da Educação Básica, situadas em Mato Grosso. A *Escola Feliz* é pública, orientada pela Lei nº 7.040/98/MT. A *Escola Alegre* é privada, orientada pela Pedagogia Social de Base Antroposófica de Rudolf Steiner. Foram realizadas pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Utilizou-se questionário e entrevista semiestruturada para a coleta dos dados que estão descritos e explicados qualitativamente na perspectiva da fenomenologia hermenêutica. Principais resultados: na *Escola Feliz* as falas dos sujeitos indicam o não entendimento do que é participação. Na *Escola Alegre* em determinados momentos a participação da comunidade é solicitada com maior ênfase. Os sujeitos das duas instituições aprovam a gestão de suas escolas, contudo, reconhecem que seria melhor um maior envolvimento da comunidade nos assuntos da instituição.

PALAVRAS-CHAVE: gestão participativa, escola pública, pedagogia social de base antroposófica

¹ Professora doutora do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – PPGEduc - Campus de Cáceres. Curso de Jornalismo - Campus de Alto Araguaia. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Cáceres – Mato Grosso – Brasil. roselyromanelli@gmail.com

² Mestre, egressa do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – PPGEduc - Campus de Cáceres. Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Técnica Administrativo Educacional da Educação Básica – SEDUC/MT. Tangará da Serra – Mato Grosso – Brasil. krysellemtga@hotmail.com

COMMUNITY PARTICIPATION IN SCHOOL MANAGEMENT: PUBLIC SCHOOL AND WALDORF SCHOOL

ABSTRACT: The research from which this article originated had the objective of knowing how the participation of the school community occurs in the management of two units of basic education, located in Mato Grosso. The Feliz School is public, guided by Law nº 7.040 / 98 / MT. The Alegre School is private, guided by Rudolf Steiner's Anthroposophical Social Pedagogy. Bibliographical, documentary and field research were carried out. A questionnaire and semi-structured interview was used to collect data that are described and explained qualitatively from the perspective of hermeneutic phenomenology. Main results: in Feliz School the subjects' speeches indicate the non-understanding of what is participation. In Alegre School at certain times the participation of the community is requested with greater emphasis. The subjects of the two institutions approve the management of their schools, however, they recognize that it would be better to involve the community more in the affairs of the institution.

KEY-WORDS: participative management, public school, social pedagogy of anthroposophical basis

LA PARTICIPACIÓN DE LA COMUNIDAD ESCOLAR EN LA GESTIÓN DE LA ESCUELA: ESCUELA PÚBLICA Y ESCUELA WALDORF

RESUMEN: La investigación de la que originó este artículo tuvo como objetivo conocer cómo ocurre la participación de la comunidad escolar en la gestión de dos unidades de enseñanza de la Educación Básica, situadas en Mato Grosso. La Escuela Feliz es pública, orientada por la Ley nº 7.040/98/MT. La Escuela Alegre es privada, orientada por la Pedagogía Social de Base Antroposófica de Rudolf Steiner. Se realizaron investigaciones bibliográfica, documental y de campo. Se utilizó cuestionario y entrevista semiestructurada para la recolección de los datos que se describen y explican cualitativamente en la perspectiva de la fenomenología hermenéutica. Principales resultados: en la Escuela Feliz, las palabras de los sujetos indican el no entendimiento de lo que es participación. En la Escuela Alegre, en determinados momentos, la participación de la comunidad es solicitada

con mayor énfasis. Los sujetos de las dos instituciones aprueban la gestión de sus escuelas, sin embargo, reconocen que sería mejor una mayor participación de la comunidad en los asuntos de la institución.

PALABRAS CLAVE: gestión participativa. escuela pública, pedagogía social de base antropológica

Introdução

A gestão escolar seja ela de instituições públicas ou privadas é feita, dentre outras possibilidades, pela interação das pessoas que promovem e recebem os serviços educacionais. Desse modo, a participação e o envolvimento de cada um dos agentes do contexto educacional naquilo que lhe é cabido, com responsabilidade, comprometimento e respeito às individualidades, ajudam a construir a configuração de cada ambiente. As escolas de modo geral, ainda que habitualmente possuam objetivos afins e tenham o estudante como foco das ações de cada um dos profissionais daquele meio, são únicas em sua essência e identidade enquanto tal.

Por isso, a pesquisa ora apresentada, inicialmente se deu a partir de estudos bibliográficos e documentais no campo da Gestão Participativa e Democrática, assim como da Pedagogia Social de Base Antropológica³. Em seguida, realizou-se pesquisa de campo com recorrente retomada da literatura especializada. Foram estudadas duas escolas de Educação Básica do Estado de Mato Grosso (MT). A pretensão era buscar instituições que atendessem desde o 1º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, uma sendo escola pública e outra que trabalhasse com a Pedagogia Social de Base Antropológica. Aplicado esse critério, localizou-se em Mato Grosso, apenas uma unidade escolar que utiliza a referida pedagogia para todos os anos de ensino desejados. E a escola pública foi selecionada na cidade onde reside e trabalha a pesquisadora, com devido respeito aos critérios de seleção já estabelecidos, acrescidos de um último para eleger uma entre duas escolas que se adequaram ao perfil: minimizar, na medida do possível, diferenças sócio-financeiras-cultu-

³ A Antroposofia, do grego “conhecimento do ser humano”, introduzida no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner, pode ser caracterizada como um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo, que amplia o conhecimento obtido pelo método científico convencional, bem como a sua aplicação em praticamente todas as áreas da vida humana SETZER, Valdemar W. A Antroposofia. 1998. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/antrop/>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

rais entre os espaços de estudo. Isso em virtude de que entre as duas escolas que mais se aproximaram dos critérios de seleção, uma é situada na região central e a outra em zona periférica da cidade. Como a primeira escola selecionada é localizada em região de fácil acesso, considerou-se que a segunda unidade de ensino a ser escolhida, sendo a escola centralizada, teria público menos distinto, em relação a primeira escola.

Esclarece-se que as unidades de ensino receberam nomes fictícios a fim de que suas identidades e sujeitos fossem preservados. Os nomes escolhidos visaram transparecer a atmosfera que foi percebida pela pesquisadora nos ambientes, porém, sem causar maiores diferenças entre as instituições. Por isso, chamou-se de *Escola Feliz*, a escola que é pública, e de *Escola Alegre*, a escola privada. Do mesmo modo, cada sujeito foi chamado pelo nome do segmento que representou, seguido pelo nome da escola, por exemplo: *Aluno Feliz; Aluno Alegre*.

As escolas investigadas possuíam características distintas, sendo as mais notáveis: uma pública e outra privada. A primeira orientada pela Lei Estadual nº 7.040/98/MT⁴ e situada no interior do estado, município de Tangará da Serra. A segunda, norteadada pela Pedagogia Social de Base Antroposófica, e pela Pedagogia Waldorf⁵, localizada na capital, Cuiabá. Ambas as instituições, atendiam nos anos de 2016 e 2017, período de realização do estudo, todos os anos de ensino da Educação Básica. Mesmo com evidentes diferenças, as particularidades destas escolas foram cuidadosamente preservadas. Por ser assim, os percursos das discussões levantadas contornaram-se de acordo com as contribuições dos sujeitos.

Em cada unidade de ensino seis sujeitos contribuíram com a pesquisa: o gestor escolar, o coordenador pedagógico do ensino médio, um professor do ensino médio, um funcionário técnico ou de apoio, um pai/mãe/responsável,

⁴ Refere-se a Lei de Gestão Democrática para as escolas de ensino público estadual em Mato Grosso. Tal lei estabelece a corresponsabilidade entre Estado e Sociedade Civil na gestão da escola. Arbitrariamente, neste ano de 2018, o Governo do Estado, de modo unilateral, propôs alterações importantes na referida lei. Conferências locais e regionais estão acontecendo no presente momento (julho de 2018). O futuro da gestão escolar democrática em Mato Grosso tem futuro em risco.

⁵ Criada por Rudolf Steiner, em 1919, em Stuttgart, na Alemanha, especialmente para atender a demanda escolar dos filhos dos operários da fábrica de cigarros Waldorf-Astória, essa pedagogia diferenciada, incorporou o nome do local de origem, e assim é conhecida até os dias atuais. Nesta pedagogia, o processo de ensino aprendizagem é realizado tendo como base a trimemória, ou seja, a evolução física, anímica e espiritual do ser humano. A meta das escolas Waldorf é potencializar o desenvolvimento de alunos livres, capazes de definir por si próprios o sentido e a direção de suas vidas (SETZER, 1998).

e um aluno do ensino médio. Vale dizer que o mesmo questionário⁶ e roteiro de entrevista semiestruturada foi utilizado em ambas as escolas. A coleta de dados desenvolveu-se entre abril e maio de 2017 e a conclusão das análises ocorreu em meados do ano seguinte.

O objetivo geral da pesquisa foi conhecer como acontece a participação da comunidade escolar na gestão de duas unidades de ensino da Educação Básica, situadas em Mato Grosso. Vale ressaltar que embora este estudo possa servir de referência para pesquisas futuras, a análise dos resultados não teve caráter generalizador em relação a escolas com características similares às unidades investigadas, nem ao menos, caráter comparativo entre os locais e sujeitos pesquisados. Isso em razão de que se buscou pesquisar escolas com características distintas entre si, mas com interesse comum de promover a participação. E ainda, permite que a comunidade local a construa de acordo com seu perfil e necessidades.

Para fins de análise dos dados obtidos durante a pesquisa, tomou-se como referência que a participação significa a atuação tanto da equipe de trabalho da escola, quanto dos pais e alunos que são seus usuários, em dois sentidos, articulados entre si. Primeiro, a participação pode corresponder a uma forma de conquistar a autonomia da escola e daqueles que a compõem, constituindo uma prática formativa, composta de elemento pedagógico, metodológico e curricular. Depois, a participação pode ser compreendida como um processo organizacional, no qual, professores, funcionários de apoio e administrativo, pais e alunos, compartilham, de modo institucional, os processos de tomada de decisão (LIBÂNEO, 2015).

Os resultados foram descritos e explicados qualitativamente na perspectiva da fenomenologia hermenêutica. Para o presente artigo optou-se por apresentar a discussão apenas dos resultados que possibilitaram de forma direta responder à questão da qual partiu toda a pesquisa: Como acontece a participação da comunidade escolar na gestão de duas unidades de ensino da Educação Básica, situadas em Mato Grosso?

6 O questionário foi composto de 31 questões fechadas e abertas. Três modelos diferentes dos questionários foram aplicados. O conteúdo das questões foi o mesmo, apenas adaptou-se a linguagem das perguntas para melhor entendimento dos sujeitos. Os seis sujeitos de cada escola responderam a este instrumento de pesquisa. Já a entrevista foi realizada apenas com o gestor, o coordenador pedagógico e o aluno de cada instituição de ensino. O roteiro semiestruturado contou com 11 questões. As questões das entrevistas também foram as mesmas, apenas adaptou-se a linguagem destas, com intuito de melhor compreensão dos sujeitos.

Como ocorre a participação da comunidade na gestão da *Escola Feliz*?

No ano de 2016 a *Escola Feliz* retornou a funcionar em prédio próprio, depois de dois anos atendendo em estrutura locada e compartilhada com uma instituição de Educação Superior. Tal situação decorreu da necessidade de reformar parte da estrutura física anterior que tinha aproximadamente 30 anos de construção, e construir uma outra parte para comportar a demanda de estudantes. No referido ano, 840 alunos foram atendidos nesta instituição. Já em 2017, a *Escola Feliz* contava com aproximadamente 700 alunos e 72 funcionários. O Ensino Fundamental estava organizado de acordo com o Ciclo de Formação Humana, enquanto o Ensino Médio deixou a modalidade Regular para desenvolver suas atividades baseado no Projeto Ensino Médio Inovador, proposto pelo governo Federal, por meio da Portaria nº 971, de 09 de outubro de 2009 (*ESCOLA FELIZ*, 2017).

Desse modo, as atividades administrativas, financeiras e pedagógicas desenvolvidas na *Escola Feliz* buscavam atender aquilo que a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) orienta. No âmbito da gestão escolar isso também aconteceu. A Lei nº 7.040/98/MT institucionalizou a conquista da Gestão Democrática para as escolas de ensino público estadual. Tendo em vistas que a democracia implica a participação social, perguntou-se: *Que atividades a escola tem desenvolvido para aproximar a comunidade escolar?* Sobre isso, chamaram atenção duas respostas. O Aluno Feliz comentou: *todos os anos faz o Festival da Canção, Noite Cultural, para comunidade participar.* Já o Coordenador Feliz disse:

A gente praticamente não faz, porque assim, o nosso contato maior são as reuniões, houveram (sic) momentos em que nós tentamos essa aproximação maior com projetos, mas quando a gente voltou agora para o prédio a gente tá tentando se reestabelecer, se reestruturar, então enquanto a gente tá se reestruturando a gente tá (...) tentando organizar o trabalho interno antes de abrir o espaço pra comunidade externa. E a comunidade externa também acaba se tornando um pouco tímida em vir aqui na escola, porque eles não sabem como, acredito eu, né, fazer essa, também essa ligação, né, o que eles poderiam auxiliar aqui a escola. Apesar de alguns pais já terem vindo em momentos, falarem assim, não, a gente podia ajudar a escola de alguma forma, mas alguma coisa concreta a gente ainda não tem.

Percebe-se que em eventos pedagógicos como o Festival da Canção e o Projeto de Leitura acontece um pouco mais a participação da comunidade. É forte a percepção do Coordenador Feliz no que diz respeito à necessidade de um envolvimento mais efetivo da comunidade escolar nas atividades e deliberações da escola. Ao que pareceu, os sujeitos pesquisados consideram a participação da comunidade em momentos pontuais como sendo gestão participativa.

Nesse aspecto, cabe conceituar que a gestão participativa implica em:

Democratização do processo de determinação dos destinos do estabelecimento de ensino e seu projeto político-pedagógico; a compreensão da questão dinâmica e conflitiva das relações interpessoais da organização, o entendimento dessa organização como uma entidade viva e dinâmica [...] (LUCK, 1997, p. 5).

A referência de gestão demonstrada na fala do Coordenador Feliz indica ser contrária a dinamicidade que o conceito supracitado apresenta. Ser necessário organizar internamente um processo, demonstra que uma visão sistêmica de gestão participativa não é vivenciada. Fosse de outro modo, a organização citada pelo sujeito deveria envolver a todos, visto que toda a comunidade escolar poderia organizar em conjunto suas atividades. Participar com vistas a contribuir para a construção de um projeto de educação, conforme almejado por Baldinotti (2010), representa a democracia participativa como modo de vida, não como projeto isolado. Momentos de participação não correspondem a uma gestão participativa.

A participação da comunidade escolar em uma gestão democrática requer o envolvimento da comunidade nas mais diversas atividades, inclusive aquelas que direcionam todo o trabalho dos profissionais da escola, por isso perguntou-se: *Os objetivos, metas, estratégias, planejamento como o PPP, por exemplo, são definidos coletivamente? E mais, tudo isso é conhecido por toda a comunidade escolar?* Curta, porém provocadora de reflexões foi a resposta do Funcionário Feliz. *Sim*, para a primeira pergunta e *não* para a segunda. Ele justificou: *Porque nem todos se interessam em saber*. Sabe-se que a comunicação é uma via de mão dupla, isto é, tanto a escola tem responsabilidade de envolver e informar a comunidade nas tomadas de decisão, quanto a própria comunidade tem o dever de buscar informações e contribuir naquilo que tem condições. O trabalho pedagógico resulta do diálogo e da autonomia que a escola constrói; por sua vez, estes aspectos refletem a realidade da escola

(GADOTTI, 2012).

As perguntas acima ofereceram suporte importante para a percepção de que a comunidade da *Escola Feliz* se encontra com entendimento enviesado sobre a construção coletiva de suas atividades, inclusive de gestão. Quando algo é definido em conjunto, pressupõe-se que os participantes automaticamente já ficam informados sobre aquilo que resultou do esforço coletivo. Entende-se, contudo, que mesmo em uma gestão participativa, haverá aqueles que em alguns momentos estarão mais distantes, porém, quando a maioria se omite, a gestão participativa fica comprometida ou inexistente.

É possível perceber, que nesta instituição, assim como em outros espaços ocupados por elevado número de pessoas, os mais interessados conseguem participar e ajudar na construção e execução das deliberações, enquanto aqueles que se mantêm distantes têm maior dificuldade nesse aspecto. Gerir situações assim pode ser difícil. Contudo, é compreensível que nem todos tenham a mesma vontade ou disponibilidade em participar dos assuntos da escola. Assim, também a própria escola pode não conseguir realizar seu trabalho de modo que contemple a participação de todos os pais, alunos e funcionários.

Ainda que se dinamize o modo como os trabalhos são realizados e horários das atividades, provavelmente, sempre haverá alguém que não consiga adequar-se ao que precisa ser feito, a tempo e a hora. E mesmo assim, o trabalho não pode parar, a escola precisa continuar cumprindo com suas funções internas, pedagógicas e principalmente sociais. Na *Escola Feliz* pode ser percebido que a gestão não consegue ser integral, uma vez que o cotidiano conta apenas com momentos de participação de sua comunidade. No lugar de uma construção coletiva do que se pretende realizar na instituição no presente e no futuro, pautados nas relações estabelecidas e almejadas que caracterizam as especificadas de coletivo, parece haver, a busca por apoio naquilo que uma pessoa ou grupo de pessoas definiu.

O recomendado é que as atividades nas escolas, sejam desenvolvidas de modo coletivo, entendendo por coletivo, “uma concepção integral, e não simples total referido a suas partes, o coletivo apresenta propriedades que não são inerentes ao indivíduo. A quantidade se transforma em qualidade” (PISTRAK, 2002, p. 177). Se uma gestão escolar é participativa de modo geral, o número de profissionais, pais e alunos em momentos de assembleia, repasse de informes ou deliberações cotidianas não teria tanto peso na caracterização da forma de gestão praticada.

Nesse sentido, buscou-se saber sobre como é a participação dos

diferentes segmentos da comunidade na gestão da escola. Quanto a participação dos alunos, destacou-se a seguinte fala: *Poderia ser melhor. No CDCE⁷ os alunos têm representantes, porém seja por inibição ou comodismo poucos participam dando ideias nas pautas apresentadas (PROFESSOR FELIZ)*. Acerca da participação dos funcionários de apoio ou técnico administrativo: *O apoio administrativo, eles fazem muito bem o trabalho deles, mas também muitas vezes acabam se sentindo excluídos porque eles veem que a escola se volta para os professores (COORDENADOR FELIZ)*. Sobre a participação dos pais: *Falta participação do segmento pais na escola (FUNCIONÁRIO FELIZ)*. Já quanto a participação dos professores: *Os professores em si, apesar de eles terem boa atuação dentro de sala de aula, eles não têm noção total do funcionamento da escola (COORDENADOR FELIZ)*. Com exceção a participação dos pais, houve quem expressou uma percepção contrária às já descritas, a saber: *os professores, funcionários e alunos até participam bastante dos assuntos, das atividades, dos eventos que nós realizamos. Os pais que precisam participar mais ainda das atividades (GESTOR FELIZ)*.

O desalinhamento entre as respostas sugere, uma vez mais, que a concepção de gestão participativa dessa comunidade escolar é restrita, e ainda, inexistente consenso entre o que consideram participação. Os membros dessa comunidade indicam prestar atenção mais na participação de seus membros naquilo que envolve diretamente suas ações do que no contexto da escola como um todo. A gestão participava não é excludente, pelo contrário, envolve a todos. Mesmo que contribuindo de modos diferentes, cada segmento de uma escola é importante e necessário para a existência e manutenção da instituição. Ainda nesse sentido, a gestão participativa implica justamente que os envolvidos construam juntos todo o funcionamento da escola, pois cada um em suas diferentes funções é igualmente responsável pela unidade de ensino.

Uma vez que a participação de todos os componentes da instituição é um direito, e não mera obrigação, o envolvimento com os assuntos da escola é premissa fundamental para o desempenho de cada um, dentro de suas funções (PARO, 1998). E mais, por ser um fenômeno social, o processo educativo tem vínculo direto com o que pais, alunos, professores e demais funcionários deliberam e fazem conjuntamente. Estar de corpo presente, ou simplesmente votar em um representante, de acordo com Luck (2013) são sim formas de participação. No entanto, insuficientes para de fato promover ações efetivas de gestão participativa na escola.

⁷ CDCE é a sigla que representa o Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar, neste conselho, cada segmento da escola tem seus representantes.

Por isso, em busca de informações mais precisas, perguntou-se: *O que você acha da forma como ocorre a gestão aqui na escola?* A fala do Gestor Feliz resume a percepção dos demais sujeitos: *Acredito que fazemos o possível para que a gestão seja participativa, discutimos os problemas e soluções e partilhamos a melhor decisão.* Embora em vários momentos da pesquisa a resposta dos sujeitos tenha se contradito, quando perguntados diretamente⁸ sobre a gestão da escola houve o alinhamento das respostas. Todos os sujeitos disseram considerar que a *Escola Feliz* tem uma gestão escolar democrática e participativa. Mais uma vez, evidencia-se que nessa escola, a gestão democrática que legalmente deveria acontecer, necessita de um conceito comum, e, para além disso, que este conceito supere a concepção enviesada do que é uma gestão democrática e participativa.

A realidade vivenciada no cotidiano da *Escola Feliz* revela que sua comunidade precisa avançar para além do que superficialmente parece ser praticado. E este talvez seja um desafio para as escolas públicas de modo geral. As falas dos sujeitos indicam satisfação quanto à gestão, mas seus argumentos apontam que isso se dá mais porque sentem que seus membros se esforçam rotineiramente para fazer o melhor que conseguem. É notável que os sujeitos da pesquisa sabem a complexidade que envolve gerir uma instituição de ensino, e talvez por isso, se considerem satisfeitos com a gestão da escola. Mesmo apontando a necessidade de melhorar a participação dos segmentos, a conjuntura local talvez os faça perceber que o possível está sendo realizado, ainda que esse possível esteja distante do ideal estabelecido e desejado para uma organização desse tipo.

Os desafios do cotidiano e a necessidade de uma maior participação da comunidade e de uma gestão de fato participativa, como direito conquistado e adquirido legalmente, não desqualificam o trabalho desenvolvido na instituição. Como diz Freitas (2010), tecer relações baseadas na interação entre escola e comunidade vai fazendo com que ambos se sintam responsáveis pelo produto daquilo que é construído em conjunto. A comunidade escolar investigada demonstrou notar a necessidade de melhorar a participação nos assuntos da instituição. Apesar disso, transpareceu também que entende que a gestão dessa escola da forma como está é resultado do esforço de cada um e de todos juntos.

Tudo isso indica que tecer uma gestão participativa no âmbito da

⁸ Cabe destacar que todos as questões direcionadas aos sujeitos pesquisados abordaram ações ou características da gestão escolar, entretanto, de forma específica e claramente anunciada, está foi a pergunta que de modo direto indagou a temática anunciada pela pesquisadora.

escola pública requer um pouco mais de formação e envolvimento social e profissional. Ainda que prevista em lei, faltam alicerces sólidos para subsidiar a construção daquilo que se vislumbra como ideal para conceituar e praticar a democracia, cidadania, participação e gestão democrática e participativa. E principalmente, faltam interesse e ações coordenadas para realizar cada um desses aspectos. Além do mais, faz-se necessário um planejamento com devido acompanhamento e suporte, tanto material quanto humano, para criar ambientes e contextos em que seja possível colocar em prática esses conceitos.

Como ocorre a participação da comunidade na gestão da *Escola Alegre*?

A *Escola Alegre* oferece serviços educacionais desde 1989. Nos anos de 2016 e 2017 atendeu Educação Infantil e Educação Básica em regime de externato e semi-internato. A *Escola Alegre* fundamenta-se na “Arte de Educar” – Pedagogia Waldorf, de Rudolf Steiner. Dessa forma, é comprometida com os objetivos da Antroposofia. Além disso, tem a pretensão de “despertar e cultivar no ser humano, além da ciência, da inteligência e da autoconsciência, o Amor como fundamento de um maior respeito, de um interesse no outro e de uma ajuda social ativa” (ESCOLA ALEGRE, 2017b, p. 4).

Tal qual todas as demais instituições de ensino do país, a *Escola Alegre* precisa de autorização do Ministério da Educação para exercer suas atividades. Porém, como sua mantenedora é uma microempresa, que transfere para a própria escola a responsabilidade da gestão da instituição de ensino, pode-se considerar existir uma maior autonomia administrativa, financeira e pedagógica desta escola em relação aquelas que são públicas. Ainda que não precise aguardar a orientação da Secretaria de Estado de Educação para as atividades cotidianas, e que a Lei nº 7.040/98/MT não se aplique a escolas privadas, a participação da comunidade escolar é imprescindível em qualquer ambiente educativo. A Antroposofia, por intermédio da sua Lei Social Principal, explica que quando uma pessoa consegue observar, no trabalho do outro, tanto valor e importância quando no próprio feito, um tem condição de contribuir com aquilo que o outro necessita, e vice-versa (STEINER, 2015).

Dessa forma, questionou-se a respeito das atividades desenvolvidas pela escola para aproximar a comunidade. *Há reuniões periódicas que acontecem ao longo do ano* (COORDENADOR ALEGRE). Nesse sentido também responderam os demais sujeitos. Isso leva à compreensão de que em momentos pontuais a presença da comunidade é solicitada pela escola de forma mais

intensa. Nesses momentos, de acordo com o Gestor Alegre, a escola realiza os informes devidos e compartilha com os envolvidos como está o desenvolvimento dos estudantes, o trabalho de cada segmento e planejamentos futuros.

É válido enfatizar que a participação da comunidade na escola é indispensável sempre, isto é, deve/tem o direito de acontecer independente de convocação. Contudo, cabe também lembrar que momentos pontuais de participação não caracterizam uma gestão participativa, mesmo a comunidade atendendo em sua maioria aos chamados da escola. Sobre isso, vale dizer, a *Escola Alegre* não se intitula como praticante da gestão participativa, todavia, a natureza de uma escola desse tipo requer um maior envolvimento da comunidade escolar, porque para ser criada precisa do anseio social e assim ser um modelo mais completo de educação.

Cabe destacar que a Pedagogia Waldorf criada por Rudolf Steiner apresenta que as escolas adotantes dessa pedagogia fazem uso da autogestão por meio do tripé: associação mantenedora, colegiado de professores e conselho de pais. Para Steiner o desenvolvimento da sociedade decorre da educação. Isto é, a trimembração do organismo social⁹ é interdependente. Nesse sentido, a gestão praticada numa instituição de ensino Waldorf tem condições de conduzir suas atividades de forma autônoma praticando a trimembração do organismo social na própria instituição (SALDEADO, 2017). Sobre isso, pontua-se que no Brasil a primeira Escola Waldorf iniciou suas atividades em 1956, o que significa ser recente a implementação dessa pedagogia diferenciada no país. E o conhecimento dessa noção ainda não é amplamente difundido. Sugere-se ser essa uma das principais razões da dificuldade em manter no tempo atual a mesma estrutura de gestão proposta por Steiner quanto da criação de sua pedagogia.

Seguindo com a pesquisa, perguntou-se aos sujeitos da *Escola Alegre: Os objetivos, metas, estratégias, planejamentos que compõem o PPP, são definidos coletivamente?* A resposta da mãe de um aluno da *Escola Alegre* distanciou-se de todas as demais, que foram *sim*. Ela disse *não*, e justificou detalhadamente que trabalha em outra área, por isso, enquanto mãe, confia aos especialistas da instituição a responsabilidade pelos aspectos supracitados, uma vez que a organização escolar interfere no pedagógico. Como na parte pedagógica os pais não são chamados a deliberar, pois no formato de gestão adotado na escola, a instituição tem autonomia para isso, essa não participação nesse aspecto é entendida como comum. Supõe-se que quando essa mãe

⁹ A trimembração do organismo social [...] concebe a liberdade como princípio para a vida cultural-espiritual. A igualdade como alicerce para questões jurídico-legais. A fraternidade como sustentação da vida econômica.

optou por matricular o filho numa instituição desse tipo, concordou com a modo de organização pedagógica utilizado.

Esse argumento da Mãe Alegre é coerente com o pensamento de Rudolf Steiner e demais pesquisadores da Pedagogia Social de Base Antroposófica. “Pais e professores têm diferentes tipos de relacionamento com a criança [...] isso ocorre porque o âmbito escolar e o familiar são distintos” (ROMANELLI, 2017, p. 175-176). De tal modo, os pais fornecem estrutura para que a criança se desenvolva no âmbito familiar, enquanto os professores trabalham para desenvolver o potencial interno do aluno por meio da Pedagogia Waldorf. A disparidade entre a resposta da mãe e a dos demais sujeitos, sendo eles, aluno, professor, coordenador, gestor e funcionário de apoio, possivelmente seja em razão de que esses participam diretamente do trabalho e conseqüentemente do projeto de educação realizado na escola. Ao passo que a mãe cumpre com seus deveres e orientações da instituição, porém, em um âmbito de educação familiar, e não escolar.

Nesse sentido, vale mencionar que os professores Waldorf recebem uma formação específica para o exercício de suas funções. Nessa formação, além da pedagogia em si, o pensamento steineriano que abrange várias outras áreas, é apresentado aos docentes. Isso acontece porque é preciso que os professores conheçam quais são as demandas e características dos estudantes em cada fase específica da vida. Diferentemente dos pais, os docentes por meio da formação de professores Waldorf conseguem ter uma compreensão ampliada das relações currículo e desenvolvimento humano e social.

Ainda sobre esse assunto, todos os sujeitos pesquisados na *Escola Alegre* disseram que a instituição planeja e comunica aos envolvidos sobre as deliberações tomadas. E ainda, que a comunidade tem liberdade para buscar as informações pertinentes a qualquer tempo. Mesmo sabendo que simplesmente perguntar uma dúvida ou informação não configure uma forma de participação efetiva, é válido dizer que existe abertura para um relacionamento próximo entre escola e família. Todavia, nesse aspecto, uma resposta destoou de todas as outras. *Existem ocasiões em que pais e alunos não estão sempre cientes dos assuntos tratados* (ALUNO ALEGRE). Em conversa informal, o Gestor Alegre disse que os assuntos pedagógicos são debatidos com todo o grupo escolar, já questões administrativas são resolvidas pela equipe gestora. O Projeto Político Pedagógico da instituição ofereceu suporte para tal explicação, pois traz em detalhes as atribuições dos setores pedagógico e administrativo. Mais uma vez ficou claro que a escola não tem a pretensão de realizar uma gestão democrática de modo geral, porém, se auto organiza de modo que a participação de

todos os envolvidos se torne indispensável para realização de suas atividades.

Pelo exposto até aqui já é possível notar que a *Escola Alegre* trata alguns assuntos de modo mais centralizado do que outros. A natureza privada dessa escola pode contribuir com essas características. Mesmo adotando uma pedagogia diferenciada, os assuntos meios, isto é, aqueles que tratam da parte burocrática de procedimentos, aspectos legais para funcionamento, e problemas corriqueiros comuns no dia a dia escolar, provavelmente são semelhantes aos das demais instituições educacionais. Contudo, pelo financiamento de suas atividades não advir de fontes estatais, a equipe gestora tem autonomia para deliberar os assuntos administrativos da forma como entende ser a melhor. Com o apoio dos pais e demais membros da comunidade escolar, tem sustentabilidade para agir assim, logicamente que sem deixar de lado as relações interpessoais necessárias em qualquer ambiente de ensino, seja ele público ou privado. Em virtude disso, é que alcançar aquilo que se pretende com a educação escolar depende tanto de quem presta os serviços quanto de quem busca esses serviços. Além disso, parece existir entre os sujeitos, o entendimento de que uma escola é constituída antes de mais nada, de pessoas, por pessoas e para pessoas (PARO, 2016), cada uma das quais com suas responsabilidades que afetam o coletivo. Os sujeitos transpareceram a todo momento que esta é uma das razões pela qual escolheram a *Escola Alegre*.

Adiante, a pesquisa passou a buscar respostas mais específicas sobre o objeto de estudo. Perguntou-se abertamente como os sujeitos percebem a participação de cada segmento da comunidade nos assuntos da instituição. A própria Lei Social Principal de Steiner explica que as ações sociais são interdependentes, por esse motivo considerou-se importante tal detalhamento da investigação. Cada segmento respondeu sobre como percebe a participação dos demais segmentos e também sobre sua própria participação. As respostas foram as seguintes: Segmento aluno na percepção da coordenação escolar: *Os alunos também participam, os alunos têm a sua voz, a gente sempre diz que aqui o aluno pode falar* (COORDENADOR ALEGRE). Já quando a resposta veio do próprio aluno: *Nem tudo podemos dar nossa opinião* (ALUNO ALEGRE).

Tais percepções diferenciadas talvez possam ter relação com o nível de maturidade em que se encontram os sujeitos cujas falas foram transcritas acima. A Pedagogia Waldorf divide em fases o desenvolvimento do indivíduo, cada fase dura em média sete anos - setênios (SETZER, 1998, s/p). Considera-se que para o coordenador, uma pessoa adulta, entendedora que nos primeiros setênios a criança/adolescente precisa aprender com os demais, a participação do aluno está adequada ao seu setênio. Já para o aluno, que se encontra nos

primeiros anos do terceiro setênio, pode ser que ele já se perceba com maturidade suficiente para exercer sua participação de forma consciente e crítica. Por isso que, mesmo contrárias as respostas, cabe considerar que as falas dos sujeitos, não necessariamente se contradigam de modo geral, apenas partem de pessoas que ocupam espaços/funções diferentes, sendo também assim, o nível de maturidade. Isso de acordo com literatura especializada justifica-se porque a liberdade precisa ser vivenciada aos poucos (ROMANELLI, 2000). Assim, o Coordenador provavelmente esteja moderando a participação do aluno em determinados assuntos, enquanto o Aluno já se sinta preparado para participar de mais coisas. Também nesse aspecto vale lembrar que equipe de trabalho de uma escola Waldorf recebe formação para trabalhar com a especificidade da formação humana apresentada por Steiner, ao passo que os estudantes estão em processo de desenvolvimento e conquistas enquanto sujeitos autônomos que hão de se tornar.

No segmento funcionários técnicos e de apoio: *Somos bem ouvidos na escola* (FUNCIONÁRIO ALEGRE). Segmento pai/mãe/responsável: *A gestão da escola enquanto ensino é responsabilidade da escola, porém, por meio de reunião, os pais tomam conhecimento e dão sua contribuição* (MÃE ALEGRE). *Existem pais que são muito atuantes na vida escolar dos filhos [...] outros têm pouquíssima participação* (COORDENADOR ALEGRE). Sobre a participação dos professores: é espontânea ou a partir de solicitação, com abertura ou de forma reservada (GESTOR ALEGRE).

Em relação a alguns pais serem mais atuantes do que outros, pode-se compreender que isso acontece nos mais variados lugares da área da educação ou não. Nesse caso específico, a escola demonstra que considera de suma importância a participação da família na escola, uma vez que se esta não acontece de modo espontâneo, a instituição convoca estes sujeitos para assumirem o compromisso que precisam ter com a educação escolar dos estudantes. Quanto à participação dos funcionários e professores, ao que as respostas indicam, a *Escola Alegre* busca cumprir com sua missão: “Auxiliar na formação de seres humanos, promovendo o desenvolvimento saudável e harmonioso do pensar, sentir e querer, fundamentado na Arte de Educar de Rudolf Steiner” (ESCOLA ALEGRE, 2017a, p. 03). Essa trimemoração apresentada na missão da escola pode ser interpretada como o pensar ligado a razão, o sentir ligado ao emocional e o querer aos órgãos dos sentidos. Quando a escola inspira por meio de formação específica, rodas de conversa e até mesmo no cotidiano que a atividade de cada funcionário seja realizada de modo consciente, com o devido reconhecimento de sua importância como pessoa e na execução daquilo que

Ihe é cabido, pode-se dizer que o desenvolvimento integral de cada membro da equipe de trabalho também é favorecido.

A *Escola Alegre* com base na Pedagogia Social de Base Antroposófica, como dito em outros momentos, não é adepta da gestão democrática. Todavia, vale o esforço para compreender que a missão da escola, de acordo com A Arte de Educar, permite que isso aconteça. Steiner (2000) explica sobre a Liberdade que faz parte de cada ser e consequente de cada espaço. Isso significa que não é contraditório a comunidade desta escola dizer e comprometer que auxiliará na formação humana de seus estudantes e não envolver os próprios alunos, pais, professores e demais membros da equipe de trabalho da mesma forma. A gestão administrativa mais centralizada e a gestão pedagógica com bases antroposóficas cabem num mesmo espaço. E ao que indicam os sujeitos, funcionam bem na escola deles. A base da autogestão por intermédio da interação sócio comunitária, fundamental para o modelo de educação e escola fundado por Steiner, ao que a pesquisa indica, foi remodelada e atualizada para o contexto da escola do século XXI.

De acordo com o que pode ser observado no conteúdo das respostas dos sujeitos e dos documentos da *Escola Alegre*, percebe-se que diferentemente da maioria das Escolas Waldorf espalhadas pelo mundo que são organizações sem fins lucrativos e autogestionárias, a *Escola Alegre* tem algumas características diferentes desse padrão. Contudo, em diversas obras de Steiner, pode-se notar que se assemelha em todas as instituições que trabalham com a Pedagogia Social de Base Antroposófica, a utilização dos princípios da Antroposofia no processo de ensino aprendizagem. Como a organização e forma de aplicação pode adequar-se às características locais de onde a escola está inserida, pondera-se necessário frisar que mesmo um ou outro aspecto diferindo do que a literatura fala sobre Pedagogia Waldorf, existe abertura para que a instituição de ensino adequa suas atividades a realidade local. Compreende-se ser isso o que acontece na *Escola Alegre*. Tal abertura refere-se ao crucial fato de que o a proposta Steineriana para a educação e também para a vida social como um todo, carece de mais espaço nos ambientes de estudo e debate sobre Educação. A Pedagogia Waldorf vem crescendo ao longo do tempo, mas existe muito para conquistar.

Sendo assim, perguntou-se diretamente a cada um dos sujeitos: *O que você acha da forma como ocorre a gestão aqui na escola? - A administração? [...] a gente tem que passar tudo pelo tutor, depois do tutor para o coordenador, depois do coordenador para a Administração, que vê se pode ou se não pode, porque tem coisas que não tem como* (ALUNO ALEGRE). A resposta do gestor

tem coerência com a fala do aluno:

O que a gente ensina é que eles devem sempre nos procurar para qualquer problema, qualquer coisa, qualquer dificuldade, sugestão, seja o que for. Eles têm o professor da sala mesmo, se tiver alguma coisa né. Ah não tem coragem de conversar ainda, não conseguiu ainda né, esse desbloqueio de... fala com seu tutor, tutor da turma. Aí, ah não adiantou falar com o tutor, fala com coordenador. Não adiantou vem com o Gestor Alegre. E a gente tenta respeitar isso que é para ensiná-los a participar né. [...] (GESTOR ALEGRE).

Noutro aspecto foi a percepção do Coordenador Alegre a respeito dessa mesma questão: *A gestão é bem organizada. Nós temos a coordenação que envolve coordenador de jardim, fundamental e médio. Tem os auxiliares da coordenação, tem o corpo docente de cada grau, e todos têm participação ativa no processo escolar.*

Neste aspecto, cabe analisar o começo da fala do aluno, que questiona se a gestão da pergunta supracitada é o mesmo que administração. Luck (1997) chama a atenção para as diferenças entre o termo Administração e Gestão. Como o próprio Aluno Alegre mencionou, sua escola demonstra fazer a Administração, empregando pessoas e recursos de forma racional para que os objetivos da instituição sejam realizados. A hierarquia estabelecida entre as funções para que os alunos procurem quando necessitarem, indica isso. Por outro lado, se fosse presente a gestão democrática em vez da administração, as relações sociais na instituição tenderiam a ser horizontais, corrobora a autora mencionada acima.

Tudo isso leva-nos a refletir que a participação da comunidade nos assuntos desta escola ocorre de modo peculiar. A instituição não adotou o modelo de gestão democrática e participativa. E ainda, a participação dos vários segmentos acontece de modos diferentes. Cabe lembrar, acerca desses aspectos, que na *Escola Alegre* o estudante é impulsionado a desenvolver-se aos poucos para desenvolver-se bem em todos os âmbitos do plano físico, emocional e intelectual. E possivelmente este seja o diferencial da instituição, isto é, desigual do que habitualmente é estabelecido e realizado em instituições semelhantes, mas igualmente fundado em promover o desenvolvimento humano e social das pessoas que trabalham e estudam naquele espaço, assim como da comunidade que a cerca.

Todas as falas dos sujeitos, tanto em resposta ao questionário quanto

na entrevista demonstraram aprovação quanto à forma de gestão praticada na escola. Nessa escola, os documentos institucionais e fala dos sujeitos estão alinhadas na maioria das situações. Sendo que existe distinção entre quem realiza gestão pedagógica e quem realiza gestão administrativa. A primeira é realizada de forma a abranger todo o corpo docente, enquanto a segunda pode ser centralizada nas mãos dos responsáveis por tal área. A participação de todos os segmentos da comunidade escolar nos assuntos da escola é evidente, ainda que em momentos pontuais.

Considerações finais

Várias questões acerca da *A Participação da Comunidade na Gestão da Escola: Escola Pública e Escola Waldorf* ainda estão por ser respondidas, isso em virtude de que respostas, geralmente, suscitam novas dúvidas fazendo com que o estudo nunca esgote todas as possibilidades de interpretações. Todavia, diante da análise e discussão exposta no tópico anterior, apresentam-se algumas das considerações acerca de como ocorre a gestão participativa em duas unidades de ensino da Educação Básica de Mato Grosso.

A conquista da gestão participativa nas escolas públicas do Estado de Mato Grosso se concretizou por meio da Lei Estadual nº 7.040/98/MT que estabelece a gestão democrática como meio de garantir a participação social nos assuntos da escola. A escola pública tornou-se autônoma para gerir os assuntos administrativos, financeiros e pedagógicos. Desse modo, a gestão administrativa ficou ao encargo da diretoria e dos órgãos consultivos e deliberativos, sendo esses, o Conselho Fiscal, e o Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE), constituído paritariamente por profissionais da Educação Básica, pais e alunos (MATO GROSSO, 1998).

A referida lei estadual aborda a gestão participativa na escola como efetivando o direito ao exercício da cidadania. Todavia, a conquista da lei não significou que na prática a escola realiza a gestão dessa forma. E isso é facilmente percebido na *Escola Feliz*. Pelas falas dos sujeitos pesquisados entende-se que como em qualquer espaço constituído por pessoas, uns participam e se envolvem mais do que os outros. Sugere-se que isso decorra de diversos fatores, dentre esses, a falta de um consenso sobre o que é participação e, portanto, gestão participativa, indisponibilidade para participar, ou até mesmo desinteresse estatal de propiciar as condições adequadas para que as escolas exerçam sua autonomia.

Desse modo, cada segmento da escola precisaria ter garantido igual condições de participação naquilo que é relativo à instituição de ensino. Precisa ser e estar claro para cada integrante da escola pública que não deve haver distinção entre os membros da comunidade escolar seja pelo motivo que for. Na gestão democrática pais, mães, alunas, alunos, professores e funcionários assumem sua parte de responsabilidade do projeto da escola (GADOTTI, 2012, p. 39).

E na Escola Waldorf não é tão diferente assim. A comunidade da *Escola Alegre* demonstra estar envolvida nos assuntos da instituição, contudo, no que tange a gestão administrativa, embora todos possam contribuir, a equipe gestora preza por manter suas atividades baseadas naquilo que a instituição considera como mais adequado. Diferente das demais escolas que trabalham com a pedagogia steineriana, essa instituição de ensino não é autogestionária. Entretanto, esse quesito não influencia no trabalho pedagógico diferenciado que a instituição desenvolve. Tampouco desfavorece o impulso que a Pedagogia Social de Base Antroposófica fornece ao desenvolvimento trimembrado dos educandos para a vida em sociedade.

Por fim, todas as análises demonstram que a participação da comunidade na gestão da escola é percebida como importante para os sujeitos que compõem aquele meio. E mesmo não sendo finalidade da pesquisa comparar os ambientes pesquisados, há de se levar em conta que a participação e o envolvimento das pessoas na prática são diferentes daquilo que a teoria ou a legislação apresentam. Tanto na escola pública quanto na escola privada foi notável que existe uma dificuldade de promover a integração entre todos os segmentos da comunidade escolar. Indiferente de um ambiente ter como direito adquirido exercer a participação, e noutro já ser posto como mais necessário em momentos e assuntos específicos, é visível que a escola enquanto instituição social carece de se reconhecer como ferramenta de transformação. E sendo assim, trabalhar com insistência, além de conteúdos pedagógicos, conteúdos sociais, como por exemplo, o coletivo, o consenso, a importância e a força da participação conjunta nos rumos da instituição de ensino, da localidade e o seu redor. A partir disso, uma gestão de fato participativa poderá se exercitada tal como é proposto para espaços de formação, como as escolas.

Referências

BALDINOTTI, Sérgio. *Participação da comunidade e gestão democrática: um estudo em escolas estaduais de Mato Grosso*. 2002. 92f. Dissertação (Mestra-

do em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/27053>. Acesso em 13 jun. 2016.

ESCOLA ALEGRE. *Projeto Político Pedagógico 2017*. Cuiabá/MT, 2017.

ESCOLA ALEGRE. *Regimento Escolar*. Cuiabá/MT, 2017b.

ESCOLA FELIZ. *Projeto Político Pedagógico 2015*. Tangará da Serra/MT, 2015.

FREITAS, Luiz Carlos. Avaliação para além da “forma escola”. *Educação: Teoria e Prática*. v. 20, nº. 35, jul.-dez. 2010, p. 89-99.

GADOTTI, Moacir. Projeto Político Pedagógico da escola: Fundamentos para a sua realização. In: *Autonomia da escola: princípios e propostas*. Moacir Gadotti, José E. Romão (orgs.). 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 6 ed. São Paulo: Heccus Editora, 2015.

LUCK, Heloísa. *A evolução da gestão educacional, a partir da mudança paradigmática*. Disponível em: http://cedhap.com.br/wp-content/uploads/2013/09/ge_GestaoEscolar_02.pdf?iframe=yes&iframe=true. Acesso em: 10 out.17.

LUCK, Heloísa. *A gestão participativa na escola*. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MATO GROSSO. *Lei Estadual nº 7.040/98 de 1º de outubro de 1998. Estabelece a Gestão Democrática do Ensino Público Estadual*. 1998. Disponível em: http://site.seduc.mt.gov.br/cdce/Lei_7048-98.pdf. Acesso em: 13 Mar. 2017.

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Proposta de Redesenho Curricular*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=58611-doc-orientador-elaboracao-de-propostas-de-redesenho-curricular-prc-pdf&category_slug=fevereiro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 14 Jun. 2017.

PARO, Vitor Henrique. *A gestão da educação ante as exigências de qualidade e produtividade da escola pública*. 1998. Disponível em: http://www.gestao-escolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2010/a_gestao_da_educacao_vitor_Paro.pdf. Acesso em: 24 Out.2017.

PARO, Vitor Henrique. *Gestão democrática da educação pública*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2016.

PISTRAK, Moisey. *Fundamentos da escola do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

ROMANELLI, Rosely Aparecida. *A arte e o desenvolvimento cognitivo: um estudo sobre os procedimentos artísticos aplicados ao ensino em uma escola Waldorf*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

ROMANELLI, Rosely Aparecida. *A Pedagogia Waldorf: Contribuição para o Paradigma Educacional Atual sob o ponto de vista do Imaginário, da Cultura e da Educação*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

ROMANELLI, Rosely Aparecida. *A Pedagogia Waldorf: cultura, organização e dinâmica social – volume 1*. 1ª. Ed. Curitiba: Appris, 2017.

SALDEADO, Patrícia. *Escola sem padrão: ampliando o olhar sobre a autogestão enquanto ponto para o autodesenvolvimento*. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2017.

SETZER, Valdemar W. *A Pedagogia Waldorf*. 1998. Disponível em: <http://www.antroposofy.com.br/forum/a-pedagogia-waldorf/>. Acesso em: 16 fev. 2017.

STEINER, Rudolf. *Economia e sociedade à luz da ciência espiritual: ensaio em três artigos de 1905-1906*. 4. Ed. São Paulo: Antroposófica, 2015.

Data de recebimento: 11.04.2019

Data de aceite: 09.05.2019